

## **2º Domingo depois da Epifania**

### **1ª leitura (Antigo Testamento) - 1 Samuel 3:1-10 (11-20)**

O primeiro livro de Samuel se encontra de um conjunto de textos que revisam a história de Israel até o exílio babilônico (587 a.C.) tentando determinar as causas da destruição do Estado, do Templo e o exílio do povo que deveria ser o "povo eleito" e os "abençoados por Deus" (vide também o 4º Domingo do Advento).

Este texto está situado no tempo em que a "Arca da Aliança" se encontrava em Silo (lugar aonde ficou antes da fundação de Jerusalém por Davi, 2 Sm 6). Lá havia um Templo que era dirigido pelo sacerdote Eli e onde Ana, mãe de Samuel, tinha feito o voto pedindo um filho (Samuel, 1 Sm 1:9-11). No entanto os autores destes livros descrevem esta época como um tempo de crise e corrupção (filhos de Eli, 1 Sm 2:12-17). A corrupção tinha chegado a tal ponto que o próprio Deus havia emudecido e, Eli, o único sacerdote que havia se mantido fiel, já estava velho (1 Sm 3:1). Diante deste quadro decadente é que um jovem, auxiliar do velho e cego Eli (v.2), passa a assumir um papel revigorador da fé da esperança do povo. Este jovem é Samuel (v.4-7). A inexperiência de Samuel dificulta um pouco a comunicação com Deus, mas o velho sacerdote Eli percebe que algo diferente estava acontecendo e aconselha seu jovem ajudante a dizer: "SENHOR fala que teu servo escuta".

Nesse texto mais uma vez Deus usa pessoas muito jovens e inexperientes como Samuel, Moisés (Êx 3:11) Davi (1 Sm 16:11-13) ou velhas demais como Sara (Gn 18:11), Ana e Eli. Como afirma o apóstolo Paulo: "Mas, Deus escolheu o que é loucura no mundo para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo para confundir o que é forte" (1Coríntios 1,27 , segundo a versão pastoral).

Pode se dizer que o caráter revolucionariamente transformador de Deus está em inverter as perspectivas, em buscar esperanças onde ninguém espera encontrar, em chamar as pessoas que os poderosos consideram "menos importantes" ou "menos capazes" para realizar coisas realmente novas, realmente animadoras e realmente surpreendentes (João 1:43-51).

Os versículos 11 a 20 enfatizam a nova espiritualidade que nasce com Samuel. É a espiritualidade da escuta de Deus (v.11). Essa escuta depois se transforma numa denúncia contra todos os poderosos corruptos (v.12-13). Deus afirma que a corrupção não pode ser superada apenas através de ritos religiosos (v.14). Enfim algo que tinha todo a ver com o espírito transformador da juventude. Pode se dizer que Deus falou como um jovem para outro jovem na busca do novo no meio de uma sociedade corrompida. (HMG)

### **2ª leitura (Epístola) - 1 Coríntios 6.11b-20**

As cartas do Apóstolo Paulo visam construir, edificar uma comunidade, convivência fraterna em que todos pertencem a Cristo e a uns aos outros como nova criação. Essa comunhão não deixa de ter suas fronteiras, não em termos étnicos e culturais, mas em termos de fé e sua responsabilidade no mundo.

Vs.11 - Os três verbos lavados (batismo), santificados, e contados justos, servem de cabeçalho para as considerações que se seguem. Pelo Batismo recebemos a santificação e somos contados justos diante de Deus. Assim, pertencemos a Cristo e uns aos outros e vivemos uma nova condição da liberdade dos filhos e filhas de Deus. Sob essa perspectiva Paulo trata da compreensão inadequada da liberdade, da capacidade (autoridade) de agir que descamba para a perversão.

Vs.12 - Todas coisas me são lícitas (permitidas). Consta que isso vem da parte de alguns da Igreja de Corinto. Permissão ou capacitação, autorização têm a mesma raiz na língua que Pulo usava. O limite está no que beneficia (convém) a convivência e comunhão. Somos libertados para a construção da convivência e comunhão, na perspectiva ou no espírito (mente) de Cristo, (2.16).

Vs. 13 ss. - "A comida é para o estômago e o estômago para a comida e Deus destruirá ambos". Essa frase é considerada o lema de alguns de Corinto, isto é, a comida e o corpo estão na área do transitório e são irrelevantes, como também dizem alguns cristãos contemporâneos. Trata-se da dissociação do corpo e da espiritualidade. Ao contrário o corpo pertence ao Senhor e o Senhor ao corpo. O corpo é um segmento deste mundo e representa a dimensão relacional da vida. Esse corpo não pertence a si mesmo, mas a quem resgatou. Resgate é a metáfora da Cruz, (7.23; Gl 3.13; 4.5). Esse corpo (vosso, no plural, e corpo no singular, ver 3.16, vocês são templo) é o templo do Espírito Santo. Por isso o corpo nessa qualificação é onde se torna visível a ação de Deus afirmado no vs.11. E o corpo é um segmento do mundo e da criação. Isso implica em duas coisas: (1) não minimizar o corpo, nem dissociar o corpo da espiritualidade. O corpo é espiritual. (2) Nem tudo convém ao corpo acima entendido. Ao contrário, o corpo é capacitado (ver o vs.12) para ser o local, em que o Templo se insere no mundo. É pelo corpo que se adora a Deus. Então, o corpo é missionário. A Igreja que somos é o Corpo de Cristo. (ST)

## **Santo Evangelho – João 1, 43-51**

O texto do Primeiro Testamento nos conta a vocação do jovem Samuel, ainda em sua inexperiência para discernir a voz de Deus. O Apóstolo São Paulo nos diz, com muita força, que quem se batiza em nome de Jesus entra numa relação de discipulado. Não se trata, porém, de adotar apenas novas idéias ou novos sentimentos espirituais ou íntimos. Seguir a Jesus afeta nosso corpo, isto é, nossos comportamentos e nossas relações (Rm 1, 1-2).

O Evangelho nos apresenta a encantadora história de Natanael. Possivelmente, Jesus havia participado do grupo de discípulos de João Batista (Jo 3, 26). Em dado momento, "depois que João foi preso", inicia seu próprio ministério (Mc 1, 14). Antigos companheiros sentem-se atraídos pelo caminho que começa a reabrir-se depois da grande decepção provocada pela tragédia da morte do profeta (Mc 6, 14-29). Com Jesus, parece raiar novo horizonte de libertação para o povo (v45). Era um período de intensa fermentação religiosa e política. Multiplicavam-se movimentos e grupos de oposição, e o deserto era o lugar de refúgio e de organização dos grupos de resistência (Jo 6, 14-15). Daí, a preocupação dos poderosos (Mc 6, 14-16; Lc 13, 31-33).

Pois bem. Quem aderira ao movimento de Jesus saía com entusiasmo a convidar amigos, companheiros, familiares (v.40-44). Foi assim que Filipe foi ao encontro de Natanael. E aí esbarra com o ceticismo de alguém que não aceita enganar-se (v47). Além disso, completamente condicionado pelos preconceitos da ideologia dominante em relação à gente da região marginalizada da Galiléia (v46; 7, 40-43). Jesus elogia sua integridade como condição indispensável para o seguimento (v47). Sobre essa base, a meditação das Escrituras (v50: “assentar-se debaixo da figueira” é alusão ao estudo das Escrituras à sombra de uma das árvores-símbolo do povo e de abundância e bem-estar – Shalôm: Mq 4, 4) levaria a “ver coisas ainda maiores” (v50-51).

Toda a narrativa nos sugere que o discipulado no seguimento de Jesus é uma densa rede de relações. Em torno do Mestre vai nascendo uma comunidade na qual antigas ligações, até de família, vão tendo a chance de transformar-se (v42) na perspectiva do Reino de Deus (Mc 1, 16-20; 3, 31-35). Nesse ambiente vai sendo possível uma nova visão para enxergar na comunidade a realização do que a humanidade tem almejado desde sempre: que o céu e a terra se toquem, como se houvesse uma misteriosa escada a unir os dois espaços (v51). O texto alude à visão de Jacó em Betel (= Casa de Deus) onde uma escada unia céu e terra e os anjos subiam e desciam (Gn 28, 10-19). Jesus é a “escada de Jacó”. Só por Seu caminho se vai a Deus (Mt 11, 27). A expressão Filho do Homem alude à condição humana e, ao mesmo tempo, gloriosa de Jesus, inspirando-se do texto de Daniel 7, 9-15.

Face ao esquematismo da narração da vocação dos discípulos nos Sinóticos (Mc 1, 16-20), a movimentada narrativa do Quarto Evangelho parece situar-nos muito perto do que deve ter sido o primeiro encontro com Jesus. (SAGS)